

## EDITORIAL

### Ambiente é a palavra de ordem

Não há que esperar muito da Cimeira da Terra que ontem se iniciou no Rio de Janeiro. Provavelmente, nenhuma das convenções em discussão (Biodiversidade e Alterações Climáticas e o binómio Ambiente-Desenvolvimento) obterá o número de adesões significativas que lhes permita sair do obscuro anonimato. E o mesmo se passará, se calhar, com as duas declarações também em apreço, a que aborda a questão da Protecção das Florestas e a que se debruça sobre a Desertificação.

Tudo poderá resumir-se a discursos sérios e preocupados sobre a evolução do Planeta, com um eventual alargar os cordões à bolsa por parte de alguns países mais ricos. George Bush, que não parece disposto a apôr a sua assinatura nos documentos em causa, anunciou já, magnânimo, que os E.U.A. vão disponibilizar largos milhões de USD para apoiar as nações com programas efectivos de protecção florestal.

A magreza quase certa de resultados não deve, no entanto, desmerecer o passo que está a ser dado. Ainda não há muito, as questões ambientais e ecológicas eram, na maior parte dos países, assunto para académicos e, quando entravam pela política, não passavam de bandeira para outros objectivos inconfessáveis.

Hoje o panorama mudou - e de que maneira. Das universidades e dos círculos restritos, estas questões desceram à rua e não há hoje órgão de comunicação social, do mais simples ao mais sofisticado, que não dê largo espaço a estes temas.

A Cimeira do Rio é, a este título, mais um passo (e substancial...) num processo que ninguém conseguirá travar. Outras se seguirão e os resultados vão, obrigatoriamente, ser mais palpáveis.

E em Macau? Que fazer neste domínio? Se de um ponto de vista estritamente ecológico pouco haverá que salvar, já de um ponto ambiental muito se terá que andar. O surto desenvolvimentista das últimas décadas veio tirar Macau da modorra em que vivia e fê-lo entrar no pelotão dos territórios ricos desta região do Globo. Ninguém com os pés assentes na terra deixará de reconhecer os enormes bene-

## CARTAS AO DIRECTOR

António Duarte esclarece

### «Caixa de Música» não vai de férias

Em primeiro lugar, os meus melhores cumprimentos a V. Exa. e a toda a Redacção do "Comércio de Macau".

Venho maçá-lo para esclarecer um assunto sem grande importância, em que não tencionava "mexer" publicamente, não fosse um "lapsus linguae" involuntário, publicado na última edição do jornal que V. Exa. dirige, sob o título "Novas Grelhas", em referência ao futuro do meu programa "Caixa de Música", na TDM.

Diz a local que "a 'Caixa de Música' de António Duarte, que o público aplaudiu durante mais de um ano, estará no ar até ao dia 13 de Junho, entrando de férias em seguida".

Bom, não me parece muito profissional que um programa semanal entre de férias, apenas com um ano e poucas semanas de existência... Um programa de televisão é para servir a comunidade a que se destina; não vai para banhos em Puket.

"Caixa de Música" não entra de férias a 13 deste mês. Acaba, pura e simplesmente. Para poupar à TDM 2700 patacas por semana - que eram os custos directos de cada programa, incluindo um super "cachet" de duas mil patacas por emissão -, segundo o que me comunicou, atempada-

Aproveito para assinalar que tive, com **Nestor Ribeiro**, o melhor ambiente de trabalho e o mais elevado apoio, por parte de um grande profissional de televisão. Destaco, igualmente, a camaradagem e a amizade do Director de canal, Avelino Rodrigues - que fez muito por um canal de TV digno, em língua portuguesa. E não podia deixar de admirar e elogiar a qualidade e o profissionalismo de vários operadores e técnicos chineses, com os quais trabalhei muitas horas, nos estúdios da TDM, e especialmente do realizador do programa, James Jacinto (fiquem de olho neles).

É normalíssimo um programa de televisão acabar especialmente se cumpriu o seu projecto -, mas nunca me tinha acontecido, em vários programas que assinei para a RTP, acabar por razões de "poupança". Deve ser mais uma especificidade de Macau...

Resta-me a consolação e o orgulho de contribuir, assim, com 2700 patacas semanais, para a redução do défice de 110 milhões da TDM. E creio que o meu exemplo será seguido pelos administradores da empresa, que irão, certamente, reduzir para metade os seus ordenados de 40 (e tais) mil patacas mensais, e vender os novos automó-

vendê-lo à TDM (barato, é claro), agora que as palavras de ordem, para a produção local do canal português, são: **promoções, anúncios, campanhas.** Publicidade comercial? Não. Dos serviços públicos. Paga pela Administração de Macau.

É com isto que se ocupa, a partir de agora, o departamento de Produção da TDM - no que respeita ao canal português, e sem contar com os grandes projectos, como o Grande Prémio, a Miss Macau, ou o Dia de Camões.

O meu amigo Angélico de Souza, produtor e realizador da TDM, ainda me fala, mesmo assim, com entusiasmo da sua profissão. Quando vim para Macau, há cinco anos, dava gozo ver o Angélico, então operador de câmara da Informação, caçar imagens com a perspicácia e a rapidez de um grande repórter. Ninguém lhe escapava no Palácio do Governo. Como prémio, ganha hoje seis mil patacas.

Gostei de ouvir a nova administradora da TDM, Maria do Carmo Figueiredo, falar da necessidade de reestruturação da empresa e da sua viabilidade como projecto de televisão intercultural, que promovia o conhecimento recíproco de Portugal e da China e a

cionário do vídeo-8 e do sistema VHS, banido em muitas televisões conservadoras (por exemplo, a RTP), com o argumento de que não tem "broadcasting quality"...

Esta audácia beneficiou o programa em exclusivos (concerto de Paul Simon em Cantão, entrevista com Cui Jian em Zhuhai, as discotecas de Cantão, a vida nocturna na China, cerimónia de ritual no Templo de Confúcio, em Pequim, ou a gravação do duo português Telectu no estúdio da Rádio Pequim) e não custou um cêntimo à TDM. Bem como não custou um cêntimo à TDM a cedência de material vídeo, adquirido pessoalmente pelo apresentador de "Caixa de Música", para transcrição para o programa - por não haver suficientes vídeo-clips com qualidade na TDM...

Enfim, é por isso que esta profissão ainda é romântica. Quando apanham um que gosta mesmo do que está a fazer, exploram-no. E depois punem-no com uma "poupança".

Está certo. Eu é que não estou. Por isso, o programa "Caixa de Música" iria mesmo acabar - pelo menos comigo - em finais de Setembro, quando espero estar em Pequim, a estudar cultura e língua chinesas, na Universidade de Beidá.

largo espaço a estes temas.

A Cimeira do Rio é, a este título, mais um passo (e substancial...) num processo que ninguém conseguirá travar. Outras se seguirão e os resultados vão, obrigatoriamente, ser mais palpáveis.

E em Macau? Que fazer neste domínio? Se de um ponto de vista estritamente ecológico pouco haverá que salvar, já de um ponto ambiental muito se terá que andar. O surto desenvolvimentista das últimas décadas veio tirar Macau da modorra em que vivia e fê-lo entrar no pelotão dos territórios ricos desta região do Globo. Ninguém com os pés assentes na terra deixará de reconhecer os enormes benefícios materiais e as comodidades ganhas com o desenvolvimento recente.

Se o nível de vida subiu (indiscutivelmente) a qualidade de vida terá descido. Tomemos em consideração a paisagem urbana ou a paisagem em vias de urbanização nas ilhas; a crescente densidade populacional; os ritmos cada vez mais enervantes do quotidiano; o trânsito; as constantes obras por todo o lado; os poucos espaços de lazer; os esquemas ainda débeis de defesa do consumidor; e o rol podia continuar. Macau não poderá orgulhar-se pelo trabalho feito neste capítulo.

Dir-se-á que é o preço que sempre se paga pelo chamado progresso. Pensamos que não. Há sempre um preço a pagar, é evidente. Mas aqui está a ser demasiado elevado, porque uma boa parte do que está mal, não é só (nem principalmente) fruto de um crescimento acelerado. É fruto de uma quase total ausência de regras neste domínio. Macau é uma sociedade demasiado permissiva em face do dinheiro. E pagará caro essa postura, em termos de futuro.

não vai para banhos em Puket.

"Caixa de Música" não entra de férias a 13 deste mês. Acaba, pura e simplesmente. Para poupar à TDM 2700 patacas por semana - que eram os custos directos de cada programa, incluindo um super "cachet" de duas mil patacas por emissão -, segundo o que me comunicou, atempadamente, o Director de Produção, Nestor Ribeiro, por directiva da Administração da empresa.

Resta-me a consolação e o orgulho de contribuir, assim, com 2700 patacas semanais, para a redução do défice de 110 milhões da TDM. E creio que o meu exemplo será seguido pelos administradores da empresa, que irão, certamente, reduzir para metade os seus ordenados de 40 (e tais) mil patacas mensais, e vender os novos automóveis que a TDM adquiriu este ano, para seu uso.

**TDM — Tá de mals.**  
Bom slogan, hein! Espero

Palácio do Governo. Como prémio, ganha hoje seis mil patacas.

Gostei de ouvir a nova administradora da TDM, Maria do Carmo Figueiredo, falar da necessidade de reestruturação da empresa e da sua viabilidade como projecto de televisão intercultural, que promova o conhecimento recíproco de Portugal e da China, e a identidade de Macau.

Fico satisfeito. Era essa a linha de orientação de "Caixa de Música", onde a música chinesa (tradicional e pop) foi divulgada em pé de igualdade com a música portuguesa, e onde procurámos desvendar, em reportagens e entrevistas, a identidade dos músicos de Macau.

Andámos ainda pelo Japão, pela Índia, pela Austrália, e sempre pela República Popular da China, de onde, trouxemos, em formato **vídeo-8**, diversas reportagens e apontamentos visuais.

"Caixa de Música" deve ter sido o primeiro programa da TDM a aceitar e a incorporar o meio revolu-

um que gosta mesmo do que está a fazer, exploram-no. E depois punem-no com uma "poupança".

Está certo. Eu é que não estou. Por isso, o programa "Caixa de Música" iria mesmo acabar - pelo menos comigo - em finais de Setembro, quando espero estar em Pequim, a estudar cultura e língua chinesas, na Universidade de Beidá.

Anteciparam-me as "férias". Que aborrecimento.

Desculpe-me V. Exa. o tempo e o espaço que lhe tomo, com este esclarecimento. Sei que um jornalista do "Comércio de Macau" me tentou contactar, provavelmente para tirar a limpo isso das "férias" da "Caixa de Música", mas acontece que me encontrava, mais uma vez, na China, a elaborar uma reportagem sobre as vésperas do 4 de Junho (acontecimentos de Tiananmen), para o "Correio da Manhã Rádio". Bem vistas as coisas, é na China que me sinto bem. Longa vida ao "Comércio de Macau".

**António Duarte**

**PUB**

## DHL (MACAU) TRANSPORTES LDA.

14-16 Beco da Praia Grande,  
Edif. Hoi Tin, r/r — Macau  
Tel: **559916** (3 lines) • Fax **338244**



# Comércio de Macau

Ficha técnica

Director: Carlos Borges

**Chefe de Redacção:** João Figueira

**Redacção:** Ribeiro Cardoso, Miguel Correia, Cláudia Diogo, António Vaz, Cristina Rocha (secretariado)

**Colaboradores:** Fernando Marques, Vítor Rebelo e Pedro Maicatanho.

**Serviço noticioso e fotográfico:** Agência Lusa

**Redacção / Composição / Montagem:**

Comércio de Macau, Rua da Praia Grande, 9, 4.º-D  
— Telefone: **310428** • Telefax: **310423**

**Proprietária:** Sedak, Rua da Praia Grande, n.º 57, 25.º andar

**Publicidade:** Sedak, Edifício Luso Internacional, 16.º — Tel: **316487/8** • Fax: **316513**